Arts of Living on a Damaged Planet: Ghosts and Monsters of the Anthropocene

de Anna Tsing, Heather Swanson, Elaine Gan & Nils Bubandt
(eds.)

<https://doi.org/10.21814/anthropocenica.3094>

Arts of Living on a Damaged Planet: Ghosts and Monsters of the Anthropocene (*Artes de Viver em um Planeta Danificado: Fantasma e Monstros do Antropoceno*) é muito mais do que apenas uma coletânea de artigos e ensaios escritos por investigadores de diferentes áreas sobre o Antropoceno. Resultado dos debates que aconteceram no ano de 2014 na conferência *Anthropocene: Arts of Living on a Damaged Planet* na Universidade da Califórnia, nos Estados Unidos da América, o livro propõe-se abrir um novo campo de pesquisa verdadeiramente transdisciplinar sobre os estudos do Antropoceno. Nele encontramos narrativas situadas, histórias emaranhadas e descrições de acontecimentos naturais que atravessam a história e que fazem parte de um projeto coletivo liderado e organizado pelos professores e antropólogos Anna Tsing e Nils Bubandt na Universidade de Aarhus na Dinamarca.

Artes de viver em tempos de ruínas do Antropoceno pretende oferecer ferramentas críticas e criativas para a sobrevivência colaborativa num Antropoceno mais do que humano. Assim, ao invés das perguntas sobre desenvolvimento e progresso, novas questões se apresentam: Como habitar esta nova época? Como tornar visíveis os outros mundos que a modernidade ignorou e danificou? Como viver numa época de catástrofe planetária?

Curiosamente dividido em dois lados, onde não localizamos a frente e o verso, cada capa do livro exibe uma página de título. De um lado encontramos os “fantasmas”,

Caroline Izidoro
Marim

Pontifícia Universidade
Católica do Rio Grande do
Sul
Brasil

caroline.marim@gmail.com

0000-0002-4554-3653

no outro, os “monstros”. A indicação de leitura é livre, entretanto, tal como uma partitura musical indeterminada, como *A Fontana Mix* do artista e compositor John Cage (1958), escolhida para a abertura da história dos fantasmas, nos encoraja a uma aventura que pode ao longo da sua leitura mostrar-se desorientadora. Encontramos ensaios literários que nos fazem prestar atenção às ruínas, lobos, monstros tentaculares, raposas voadoras e tocos de castanheiros; relatórios científicos que nos contam a longa história das extinções causadas pelo homem; um guia antropológico sobre como ler a história da paisagem nas formas das árvores ou como espíritos e pedras se tornam parte de nós e nos encorajam, como diz Donna Haraway, a ficar com o problema (M25).

A escolha de fantasmas e monstros não é aleatória cumprindo uma importante função figurativa na organização das narrativas, na qual os «fantasmas são os traços de histórias mais-que-humanas por meio das quais ecologias são feitas e desfeitas» (G1) e, os monstros, existentes à revelia da divisão natureza/cultura tornam cada vez mais frágil a distinção entre o humano e o não humano evidenciando que há muitos mundos no mundo.

Observar as ruínas do Antropoceno obriga-nos a «repensar as noções antropocêntricas de complexidade» (G96), ensina-nos a notar melhor os emaranhados recém-percebidos e a ver “corpos-como-ecossistemas” ao invés de indivíduos (M65). “Arte de notar travessias produtivas” que nos inspira à percepção dos mundos em nosso redor, de como podemos sintonizar-nos com outros mundos, observando o seu ritmo, ao invés de impor o tempo humano (M3). Ao mesmo tempo que mostra quantas relações simbióticas estão desaparecendo à medida que a extinção de uma única espécie traz a perda de muitas (M66) e como a obsessão com os conceitos de individualidade e progresso nos levou ao esquecimento das estranhas interdependências multiespécies.

Arts of Living on a Damaged Planet também é um livro de ervas daninhas, isto é, de histórias de tentativas mais do que humanas de se manter vivo. (G6) Muitos são os fantasmas que encontramos nas ruínas: fantasmas “verdes”, “do lixo”, “da guerra”. Cada um carrega a história de um passado de destruição, resultado da violência colonial combinado com a subsequente expansão capitalista, cujo rastro abre fendas, duração e resistência frente a tentativa moderna de separação simbólica e material entre “natureza” e “cultura”.

As histórias de monstros mostram-nos que temos de desafiar o reinado retórico do indivíduo autónomo integrando corpos e observando como multiespécies interagem umas com as outras, no qual a única possibilidade de sobrevivência é colaborativa. Precisamos escutar a complexidade de outras ecologias não centradas no humano; prestar

atenção à diversidade das formas de vida assombrando-se com experiências e políticas mais do que humanas. É assim que *Arts of living on a Damaged Planet* é uma resposta ético-estético-política fabulosa às ruínas causadas pelo Antropoceno. O livro ensina-nos e suscita o processo filosófico da admiração e espanto, ampliando os nossos sentidos e reavivando a nossa curiosidade para notar monstros e fantasmas, aterrorizantes e grandiosos, não por seu poder invencível ou sua superioridade sobre-humana, mas pelo poder agregador e “simbioético”. Isto é, estimula-nos a produção de uma existência-inteligência colaborativa, que conecta especialidades e temporalidades diversas ensinando-nos a viver em conjunto, compartilhando vantagens e desvantagens com o objetivo de nos mantermos vivos.

Referência: Anna Tsing, Heather Swanson, Elaine Gan, Nils Bubandt (eds.). (2017) *Arts of Living on a Damaged Planet: Ghosts and Monsters of the Anthropocene*. Minneapolis: University of Minnesota Press.

Para citar:

Marim, C. (2020). Recensão do livro *Arts of Living on a Damaged Planet: Ghosts and Monsters of the Anthropocene*, de Anna Tsing, Heather Swanson, Elaine Gan e Nils Bubandt (eds.). *Anthropocenica. Revista de Estudos do Antropoceno e Ecocrítica* 1: pp. 107-109.